

Elegias e Epicédios

de Bocage

I

A OLINTA

*Colei di gioia transmutossi, e rise,
E in alto di morir lielo, e vivace
Dir parea; s'apre il cielo, io vado in pace.*

Tasso, *Jerusal. Libert.* canto XII

Olinta jaz na terra,
Contigo, ó Noite, para sempre mora,
E Amor grita, Amor chora,
Chora o fagueiro Amor, que lhe brincava
Nos melindrosos braços
Movendo aos corações sanguínea guerra;
Ei-lo já delirante; a ebúrnea aljava,
Arco, venda, farpões eis em pedaços
Sobre o frio o medonho
Lugar sagrado, aonde
Com ar inda risonho
O seu, e o nosso bem se nos esconde;
Na terra oculto jaz mais um tesouro
Por decreto da Sorte:
Daquela tenra vida o fio de ouro
Quão cedo rebentou nas mãos da Morte!...
Ah Morte inexorável, que te nutres
Em ruínas, em ais, em sangue, em pranto
Mais negra que os Infernos, mais faminta
Que os famintos abutres!
Ó tu da humanidade horror e espanto
Levaste-lhe o melhor levaste Olinta
Olinta, em cujas faces delicadas
Corações atraíam
As rosas sobra neve desfolhadas,
Que de virgíneo pejo se acendiam
Ao brando assalto da menor fineza
Olinta, em cujos olhos, que encantavam,
Ufana se revia a Natureza!
Olhos! Flama celeste, a que voavam
Açorados, terníssimos desejos.

E onde, quais borboletas, se crestavam,
Dando suspiros, dando-vos mil beijos,
Olhos! Olhos! Ó dor! E estais fechados!
Estais de opacas névoas eclipsados!
Olhos suaves, olhos milagrosos,
Com vossos deleitosos
E froixos movimentos
Dáveis flores aos prados,
Alento aos corações desesperados,
Enfreáveis os ventos,
Removíeis das rochas a dureza,
Transgredíeis as leis da Natureza,
E não podeis sair desse letargo!...
Ó doidas ilusões! Ó desvarios!
Ó desengano amargo!
Olhos tristes, sem luz, olhos já frios,
A Morte não se rende à Formosura:
Não, jamais torna a si, jamais desperta
Quem dorme, como vós, na sepultura.
A desesperação, que nunca acerta
No que faz, no que diz, porque não pensa,
Nesta alma, de aflição, de amor perdida,
Loucuras preferiu. Não há quem vença
O monstro, que executa a lei da Sorte:
E um contrato a vida,
Que fez o justo Céu co mundo ingrato,
E tu deste contrato
És fatal condição, terrível morte,
Que restituís a matéria ao nada.
O rei, que os povos como filhos ama,
E que de benfeitor, do pio a fama
Preza mais do que a púrpura sagrada,
Castigando com lástima o delito,
Reinando em corações, qual novo Tito;
Aqueles, que entre bando lisonjeiro,
Servil, e dependente,
Se presumem do raio omnipotente
Livres, seguros, coa Fortuna ao lado,
E de mais pura massa
Que o frágil barro do varão primeiro:
Aqueles, que com ar divinizado,
Insensíveis aos gritos da Desgraça)
Envolvidos em lúcido brocado,
E tendo a mansidão por um desdouro,
Para vós olham, míseros, e pobres
(Ricos talvez de espíritos mais nobres)
Qual para o mundo o Sol do carro de ouro,
Todos hão-de sulcar (Ó Morte! Ó Fado!)
Esse horrendo Oceano
Da nunca fatigada eternidade:

Lá verã, que no mundo a voz do Engano
Traz o filho da terra alucinado,
Que no mundo não há felicidade;
Todos, todos hã-de ir, por lei superas.
Inviolável, eterna,
Dormir nas trevas como Olinta dorme...
Mas ah! Filha cruel de Érebo enorme,
Mudo espectro horroroso,
Verdugo universal! Não te enganaste
Ao menos, quando a fouce preparaste
Centra o peito mimoso,
Cujos tesouros, que e purpúreo peje
A sombra do véu cândido zelava
Do espiador, solícito desejo,
Meu pensamento audaz apenas via,
E inda eu vê-los assim não merecia!
Nem sequer desviaste a mão ferina
Uma vez, parecendo-te divina,
E exempta das pensões da Natureza
Aquele rara, e cândida beleza;
O mágico volver dos olhos puros,
Que viam seus escravos quantos viam;
Os olhos, ante quem se derretiam
Os penedos, os mármore mais duros;
A longa trança, a face transparente,
Tã meiga para nós, como inocente;
A rubra, intacta boca, as mãos nevadas,
A flor da gentileza, a flor dos anos,
As patéticas vozes, já truncadas,
Que não feriram sé peitos humanos,
Que essas montanhas estalar fizeram,
Ao menos não puderam,
Hórrido monstro, monstro famulento,
Teu golpe demorar por um momento!
Monstro, monstro voraz, se nos tragaste
Todo o bem, todo o gosto
Naquele singular, benigno rosto,
Para que nos deixaste
Cá nesta solidão? Mortais, choremos,
A ver se à força de chorar morremos:
Por Olinta querida
Em lágrimas de amor se esgote a vida!
Fervam suspiros, fervam pelos ares,
E criem nossos olhos novos mares.
De um bem, que áspera lei de nós desterra,
A falta, a perda qual de vós não sente?
Mundo, suspiros, lágrimas. oh gente!
Olinta foi-se, Olinta jaz na terra.
Gritemos... sempre em vão, tristeza, e luto
Nos volva em noite o dia,

Gritemos... sempre em vão... Porém que escuto!
 Céus! Estrelas! Que súbita harmonia,
 Que nunca ouvido tom, que etéreo canto
 Me faz balbuciar no meu lamento,
 Me faz a meu pesar conter o pranto!
 Desencrespou-se o mar!... Nem bole o vento
 Soava aquele arroio... ei-lo calado,
 E como que se ri de gosto o prado!
 Oh, pasmo! Oh maravilha!
 Este canto... este som... não é terreno...
 Vem do Céu, vem do Céu, que tão sereno,
 Olhos meus, nunca vistes;
 Néctar consolador minha alma rega...
 Porém que nova luz nos ares brilha!
 Que resplendor me cega!
 A vista dele o Sol despe a beleza,
 Como à vista do dia a tocha acesa!
 Que é isto, coração! Lágrimas tristes,
 Recuastes, fugistes!
 Que doçura! Que encanto!
 Este som faz que em êxtase me sinta!
 E verdade, é verdade: os anjos ouço...
 Mas é digno um mortal de ouvir-lhe o canto?
 Humanos, escutais? Oh, céus! Olinta!
 Olinta! É ilusão do pensamento...
 Não, não é... que portento!
 Humanos, atenção: – «Na corte imensa
 Do rei, que vibra os raios vingadores...
 Prostrada... aos pés divinos...
 Olinta... goza já... da recompensa...
 Das palmas... da virtude... as seus louvores...
 Sobre... as asas... dos hinos...
 Como... soam no Céu... na Terra soem...
 Consolai-vos... humanos...
 Mais suspiros... não voem;
 Vosso néscio queixume... a Deus insulta...
 Longe... de olhes profanos...
 Que não merecem... vê-la, aqui... se encerra...
 Aqui... das virgens... entre o coro exulta...
 Consolai-vos... humanos...
 Olinta... está... no Céu... não jaz na terra.»
 Ah! Que o verso adorável emudece,
 E a luz celestial desaparece!
 Deus! Oh Deus! Será sonho?
 Será sonho, ó mortais, o que escutamos?
 Não, não é, que inda o prado está risonho,
 Que o límpido regato inda não anda,
 Nem Zéfiro bafeja os arvoredos,
 Nem bate o mar nos íngremes penedos.
 Ah! Bendito o Senhor, que nos abranda

Esta saudade, que mortal julgamos.
Prazer, oh mundo, cânticos, oh gente!
Olinta estás nos Céus, e lá piedosa
Desde os áureos degraus do trono eterno
Do nume onnipotente
Nos chama para o bem, de que ela goza.
Lá faz estremecer o horrendo Inferno,
Lá prende, orando, o braço justo
Daquele, mais que os séculos anoso,
Que, farto de sofrer nossos delitos
Quase, quase infinitos,
Me faz crer a Razão, que já queria
Mostrar-nos, á mortais, quanto podia,
Lançando-nos às testas criminosas
Irresistível, pavoroso estrago:
A bárbara invasão, que oprimiu Roma,
Hórrida fúria, que arrasou Cartago,
Ou chuva ardente, que inundou Sodoma.
Cenas terríveis, cenas ltuosas,
Olinta é quem de nós vos afugenta.
Olinta a mão sustém, que nos sustenta...
Ah! Gratidão, saudade! A nossa amada
Seja, seja cantada;
Versos em vez de lágrimas lhe demos.
Do cedro vivedouro
Com seu nome adorado o tronco honremos
De beijos, e de rosas
Cubra-se o cofre, cubra-se o tesouro
Daquelas sacras cinzas preciosas;
E depois que do peito amortecido
A nessa frágil vida transitária
Voar nas asas do final gemido,
Vereis quão terna Olinta nos recebe
Lá nessas fontes de inefável glória,
Onde mais quer beber quanto mais bebe.
Longe da nossa ideia, oh bens mundanos!
Sim, desde agora vos armamos guerra.
Orai a Olinta, não choreis, humanos:
Olinta está no Céu, não jaz na terra.

II

À lamentável morte do ser.^{mo} Sr. D. José, príncipe do Brasil, falecido aos 11 de Setembro de 1788

(Escrita em Macau)

*Levou a crua Morte, sem ter pejo
Aquele belo moço, a quem tributo
Esperavam pagar o Indo e o Tejo*

Bernardes, *Éclog.*, I

Eu vos saúde, ó túmulos anosos,
Onde a Tristeza co silêncio mera
Entre cinzas, e espectros pavorosos:

Salve, bosque medonho, onde a canoro
Filomena infeliz a injúria antiga
No curvo ramo solitário chora:

Oh, Noite, cujo véu meus ais abriga,
E vás, Manes, Fantasmas, sócios dela
Vede a que extremos a paixão me obriga!

Paixão louvável, justa, e não aquela.
Que às almas a razão, e a liberdade
Destrói, da vida na estação mais bela.

Mudos objectos, feio soledade
Só vós encheis meu Sôfrego desejo:
Longe, longe de nós a claridade.

Porém que escute, oh céus! Oh céus! Que vejo!
Ah Musa minha!... És tu? Vem, vem, pranteia
O caso, que gelou de mágoa o Tejo.

Velemos sobre a fria, agreste areia,
Enquanto nos ornados aposentos
Venturosos murtais o sono enleia.

Vê, se é próprio o lugar para lamentos,
Repara: que espectáculo! Que espanto!
Mochos! Larvas! Ciprestes! Monumentos!

Celebrem nossos ais, e nosso pranto
O comum benfeitor (ah negra sorte!)
O herói pie, em quem Lísia perdeu tanto:

Aquele fruto singular, que a morte

Arrancou de alta planto generosa,
Que Deus abençoou no tronco forte;

Aquele, cuja face majestosa
Inda entre as mais gentis se distinguia,
Qual entre as flores se distingue a rosa;

Aquele, que te honrou, sabedoria,
Que tantas, tantas vezes, ó pobreza,
A víbora fartou, que te roía;

Aquele, que de cume da grandeza
Baixava a consolar-nos, atentando
Que todos somos uns por natureza:

Aquele génio raro, afável, brando,
Que está na etérea abóbada fulgente
Astro nove, entre os astros cintilando;

Aquele, que era o pai da lusa gente,
Nosso bem, nesse amor, nossa esperança
Príncipe na alma, príncipe excelente;

José que em doce paz no Céu descansa,
Enquanto o povo seu, já delirante,
Em vãs, perdidas lágrimas se cansa.

Triste povo! E mais triste eu, que distante
Não pude acompanhar teu chore aflito
Naquele amargo, lutuoso instante!

Triste povo! E mais mísero eu, que habito
No remoto Cantão, donde, Ulisseia
Não pode a ti voar meu débil grito!

Misérriimo de mim, que em terra alheia,
Cá onde muge e mar da vasta China,
Vagabundo praguejo a morte feia!

Que rigorosa lei, que horrível sina
Me estorvou que escutasse os ais extremos
Daquela alma real, antes divina?

Daquele augusto peito, onde vivemos,
Daquele coração, que idolatramos,
Daquele benfeitor, que já perdemos!

Mas pois que nós, ó Musa, não lográmos
O doloroso bem de estar presentes
Ao fim do moço herói, que tanto amámos:

Já que não vimos consternadas gentes
Ferindo os restos, e ferindo os ares
Com frenéticas mãos, com ais ardentes:

Já que não vimos nos pomposos lares
A meiga mãe, carpindo, ora ante o leite
Do filho, era do Imenso ante os altares;

Já que não vimos de paixão desfeito
O fiel coração da esposa amante
Em lágrimas sair do ansioso peito;

Já que não vimes o preclaro infante,
Prezando mais e irmão, que a monarquia,
Traçar a interna magoa no semblante

E o bom príncipe, enfim, já na agonia
Estas vozes soltar, halbuciente,
Pondo os olhes na esposa, que o perdia:

«A mãe, que nos uniu tão docemente,
Ordena, amada, que de ti me aparte:
Seja feita a vontade omnipotente.

Despindo o pó, minha alma alegre parte:
Mas crê, que, voluntária, sé pudera,
Querida esposa, por um Deus trocar-te:

Não chores, não suspires... ah! Pondera
Que o teu amado, o teu contentamento
Não morre, vai viver lá neutra esfera;

Chamado ao sumo bem do firmamento,
Vou morar entre os justos, por demência
Daquele, que subjuga o mar, e o vento.

Louva, louva comigo a Providência,
A sacrossanta lei, que tem disposto
Esta de mundo necessária ausência.

Nadando em mares do inefável gosto,
Vendo os coros angélicos sagrados.
Em cada rosto lograrei teu rosto.

Poder, que move os Céus, que rege os fados,
Há-de aplacar a dor, que te flagela,
Anuir a meus reges inflamados...

Deixa voar minha alma, ó alma bela,

Adeus... Pai... Redentor... sê... sê comigo...
Adeus...» Eis expirou nos braços dela.

Já que não pude, ó Musa, este castigo,
Este dano, fatal à humanidade,
Contigo ver, e deplorar contigo:

Pela imaginação, pela saudade
A nós (tristes de nós!) se represente
O efeito da geral calamidade.

A mente o pinte; que não pode a mente?
Como se goza o bem no pensamento.
Também no pensamento o mal se sente.

Oh, acosses de aéreo fundamento!
Fantasmas, ilusões, que o mundo preza!
De que servis no fúnebre momento?

Porque blasona a tímida grandeza,
Se é vítima do abutre carniceiro,
Filho do Inferno, horror da Natureza?

Que bens herdámos nós do pai primeiro?
A culpa? A morte? Abominosa herança!
Mal haja o negro monstro lisonjeiro.

Ai prole da magnânima Bragança,
Quão cedo te sumiu na eternidade
A pavorosa mão, que os raios lança!

Cometeste sacrílega maldade,
Pára... ah! Cessa, mortal, mortal insano,
Treme, ajoelha, adora a divindade!

Não pode (a Razão diz) ser um tirano
Esse, que fez o barro inteligente,
Que o Filho deu por ti, género humano.

O Rei dos reis, e Padre omnipotente
Alma, que o mundo vil não merecia,
Consigo quis no Céu resplandecente

Cala-te, ó dor!... Silêncio, ó agonia!...
E vós, que os prantos da paixão mais nobre
Verteis do morto herói na cinza fria:

Vós, que beijais e mausoléu, que o cobro
Oh Lusos! Consolai-vos: inda temos
Quem preze e sábio, quem socorra o pobre.

Basta, basta, não mais, não mais extremos:
No irmão vereis José ressuscitado,
João restaurará quanto perdemos.

Inda há-de ser por todos tão cantado
O novo sucessor no trono augusto,
Quanto José no túmulo é chorado.

Nação, fiel nação, desterra e susto:
Outro herói, outro Atlante a monarquia
Nos firmes ombros sustera robusto.

E tu, mãe de teu povo excelsa, e pia,
Que inda desfeita em lágrimas contemple
Na revolta, enlutada fantasia:

Sobe, constante, da Memória ao templo:
Lá vale mais que um ceptro uma alma forte,
Sê da conformidade o santo exemplo.

À triste, cara irmã, que invoca a morte,
Vai docemente o pranto reprimindo:
Pinta-lhe a glória do feliz consorte,

Que entre os anjos está, cantando e rindo.

III

À deplorável morte do Il.^{mo} e Ex.^{mo} sr. D. José Tomás de Meneses

Hórridas sombras, hórridos vapores
Que enlutais estes ares carregados
Por onde vão fugindo os meus clamores:

Sinistras aves, que funestos brados
Espalhais de ciprestes lutuosos
Pela negra tristeza bafejados:

A vós consagro os prantos dolorosos,
Que meus olhos derramara contra a dura
Antiga lei dos fades poderosos:

Antiga lei, que à feia sepultura
Arroja sem respeito, e sem piedade
A virtude, a grandeza, a fermosura!

Áspera lei, que a pobre humanidade
Num momento, num átomo arremessa
Ao centro da medonha eternidade!

Tremendíssima lei, que tão depressa
Troca em ais e em desgostos a alegria.
Troca a púrpura em luto, o sólio em essa!

Ah! Nunca amanhecera e cruel dia,
Esse dia fatal, que tu seguiste,
Noite de espante, noite de agonia!

Tejo, que foste da tragédia triste
O teatro infeliz, que é de tesouro
Que a meus olhos saudosos encobriste?

Ah! não blasones das areias de ouro,
Se em ti conténs o herói, que ao próprio Marte
Esperava ganhar a palma, o louro.

José, que reunindo a força, e a arte,
Feros brutos indómitos domava,
Sendo assombro de tudo em toda a parte.

José, que os lusos povos alegrava,
E que, sem recordar-se da grandeza
A todos brandamente agasalhava:

José, com quem a sorte e a natureza
Foram tão liberais, e em quem luzia
Reste feliz da glória portuguesa.

Ó lúgubre destino! Ó morte impia!
Ilustre, e velho pai! Tua amargura
Quão rigorosa, quão cruel seria?

A macilenta Cloto, a parca dura
Te roubou para sempre e filho amado,
O doce objecto da maior ternura.

Queixa-te, é justo, queixa-te de fade,
O negro caso deplorável chora,
Em nossas faces pela dor gravado.

Pragueja aquele monstro, que devera
Os míseros mortais... dize-lhe... ah! Antes,
Antes a suma Providência adora.

Adora a quem nos astros cintilantes
Erigiu, colocou seu trono eterno,
O supremo Senhor dos céus brilhantes;

O justo Deus, que com poder superno
Escondeu, ferrolhou perpetuamente
Os rebeldes espíritos no Inferno.

Ele, movendo o braço omnipotente,
O filho te chamou, que merecia
Glória imortal no Empíreo reluzente.

Basta, excelso Marquês: tua agonia
Pela fé seja enfim modificada,
E por uma cristã filosofia.

Que também na minha alma atribulada
Ouço o riso da cândida esperança,
Sinto a terrível dor mais aplacada.

E tu, alma gentil, que na lembrança
Tão presente me estás, alma ditosa,
Entre es cures angélicos descansa.

Não precisa de lágrimas quem goza
De eterna, de imortal felicidade:
Por isso é nessa der infrutuosa.

Porém, contudo, lá da eternidade,
Do centre da ventura mais perfeita,

Se te é possível, feliz alma, aceita

Provas de amor, efeitos da saudade.

SONETO

Tudo acaba: esse monstro carrancudo,
Prole de Averno, efeito de pecado.
Tudo a cinza reduz, brandindo irado
Como sanguinosas mãos o ferro agudo:

Ó fatal desengano, horrendo e mudo,
Em pavorosos mármore gravado!
Ó letreiros da morte! Ó lei do fado!
É verdade, é verdade: acaba tudo.

Eis o nosso misérrimo destino;
Assim o ordena quem nos Céus impera:
Basta, adoremos o poder divino.

Reprime os passos, caminhante, espera;
E no epitáfio de infeliz Jesino
Lê o teu nada, o que tu és pendera.

IV

À trágica morte da Rainha de França, Maria Antonieta, guilhotinada aos 16 de Outubro de 1793

Século horrendo aos séculos vindouros,
Que ias inutilmente acumulando
Das artes, das ciências os tesouros:

Século enorme, século nefando,
Em que das fauces de espantoso Averno
Dragões sobre dragões vêm rebentando:

Marcado foste peta mão do Eterno
Para estragar nos corações corruptos
O dom da humanidade, amável, terno.

Que fatais produções. que azedos frutos
Dás aos campos da Gália abominados.
Nunca de sangue, ou lágrimas enxutos!

Que horrores, pelas Fúrias propagados.
Mais e mais esses ares enevoam,
Da glória longe tempo iluminados!

Crimes soltos de Inferno a Terra atroam,
E em torno aos cadafalsos lutuosos
Da sedenta vingança os gritos soam.

Turba feroz de monstros pavorosos
O ferro de impias leis, bramindo, encrava
Em mil, que a seu saber faz criminosos.

A brilhante nação, que blasonava
Do exemplo das nações, e trono abate,
E de um senado atroz se torna escrava.

Por mais que e sangue em ondas se desato,
Nada, nada lhe acorda e sentimento,
Que as insanas paixões prende, eu rebate;

Vai grassando o furor sanguinolento,
Lavra de peito em peito, e de alma em alma,
Qual rubra labareda exposta ao vento:

Não cede, não repousa, não se acalma,
E a funesta, insolente liberdade
Ergue no punho audaz sanguínea palma.

Bárbaro tempo! Abominosa idade,
As outras eras pelos Fados presa
Para labéu, e horror da humanidade!

Flagelos da virtude, e da grandeza,
Réus do infame o sacrílego atentado
De que treme a Razão, e a Natureza!

Não bastava esse crime?... Inda o danado
Espírito, que em vós está fervendo,
A novos parricídios corre, ousado?...

Justos Céus! Que espectáculo tremendo!
Que imagens de terror; que horrível cena
Vou na assombrada ideia revolvendo!

Que vítima gentil, muda, e serena
Brilha entre espesso, detestável bando,
Nas sombras da calúnia, que a condena

Orna a paz da inocência o gesto brando,
E os olhos, cujas graças encantaram,
Se voltam para o Céu de quando em quando:

As mãos, aquelas mãos, que semearam
Dádivas, prémios, e na mole infância
Com os ceptros auríferos brincaram.

Ludíbrico do furor, e da arrogância
Sofrem prisões servis, que apenas sente
O assombro da beleza, e da constância.

Ó justiça dos Céus! Ó mundo! Ó gente!
Vinde, acudi, correi, salvai da morte
A malfadada vítima inocente!...

Mas ai! Não há piedade, que reporte
A raiva dos terríveis assassinos;
Soou da tirania e dure corte.

Já cerrados estais, olhos divinos;
Já voando cumpriste, alma formosa,
A férrea lei de aspérrimos destines.

Do Rei dos reis na corte luminosa
Revês o pie herói, por nós chorado,
Que da excelsa virtude os lauros goza.

Na mente vos observe: ei-lo a teu lado

Implorando ao Senhor, que os maus flagela,
Perdão para e seu povo alucinado.

Despido e véu corpóreo é alma bela,
No seio de imortal felicidade,
Só sentes não voar mais Cedo a ela.

Enquanto aos monstros de hórrida maldade
Murmura a seu pesar no peito iroso
A voz da vingadora Eternidade.

Desfruta suma glória, e par ditoso,
Logra em perpétua paz júbilo imenso,
Que o mundo consternado e respeitoso,
Te apronta as aras, te dispõe e incenso.

V

Oferecida ao Sr. Joaquim Pereira de Almeida, na morte de seu pai

É todo o mundo uns cárcere, em que a Morte
Os míseros viventes guarda, encerra,
Para neles cumprir-se a lei da Sorte:

Ou baça enfermidade, ou torva guerra
Vão coas formas garras pavorosas
Tornando pouco a pouco um ermo a terra:

De dia em dia as lágrimas saudosas
Do aflitos corações estão regando
Marmóreas campas, urnas lutuosas:

Mates e males em terrível bando
Vagam por toda a face do Universo,
Peste, veneno, horrores derramando:

Cai o exímio varão come o perverso,
A morte pelo efeito os dois iguala,
O modo com que os fere ó que é diverso.

Àquele a voz de um Deus do Céu lhe fala;
O remorso, de crimes carregado,
A este o coração golpeia, e rala:

Da chama divina! afogueado
Uns, cravando no Empíreo os olhos ternos,
Ergue do almo futuro o véu dourado:

Outro, mordido de áspides internos,
Se entranha em feio abismo, e vê que passa
De mal finito a males sempiternos.

A mão, que as frágeis vidas desenlaça,
Ao pio é, pois, suave; ao ímpio dura;
Traz o flagelo a um, ao outro graça.

Que importa que na térrea sepultura.
Baqueie o corpo, a vítima de nada,
Se triunfa nos Céus uma alma pura?

Se na radiante, olímpica morada,
Co fulgor, que do Eterno reverbera,
Canse e Sol resplandece iluminada?

Vê negrejar ao longe a ténue esfera,

Onde e cego mortal vagueia ufano,
Note quanto difere e que é, e o que era;

Por entre a cerração de antigo engano
Contempla come nutre, e come ceva
Vão tropel de ilusões o orgulho humano:

Como o barro servil se abstrai, se eleva,
Como a alucinação, corno a loucura
Lhe abafa o pensamento em densa treva:

Como o bem, como a paz, como a ventura
No mundo não são mais que um fátuo lume,
Que doura mal e horror da vida escura.

Graças, graças ao bem, propício nome
Que alisa com a dextra onnipotente
A fouce matadora o férreo gume!

Dos Céus, é Morte, és dádiva eminente,
És precioso bálsamo divino,
Que cerra as chagas de infeliz vivente.

Morte, se padecer é seu destine,
Se o torna a febre ardente, a der aguda
Sem atente, sem voz, sem luz, sem tine:

Se um salutar bafejo lhe não muda
Em manso alívio tão penoso estado,
Dita não é que tua mãe lhe acuda?

É sim. Pela aflição desacordado
Ia afrontar teu nome em meu lamento
Ó mimo celestial, ó dom sagrado!

Sumido na tristeza e pensamento
Teus favores, teus bens desconhecia,
Fonte de perenal contentamento;

Estrada, que a virtude aos astros guia,
Guia ao reino imortal, ditoso, e puro,
Onde nunca interrompe a noite ao dia.

Chave, e porta do incógnito futuro,
Doce amiga fiel, que nos franqueias
Dos Céus lustrosos o invisível muro:

Já voou meu terror, já não me anseias,
Em risonhas ideias se trocaram
Carrancudas visões, imagens feias:

Razão, verdade a mente me aclararam,
E de teus mil fantásticos horrores
A medonha aparência em mim douraram:

Ah! Verta o meu pincel vistosas ceras
Que adocem, que mitiguem da saudade
O terno pranto, os férvidos clamores!

Ouçã gemer a filial piedade,
Ferem meu peito os ecos da tristeza,
Ingénuas expressões da humanidade.

Deixemos suspirar a Natureza;
E os estóicos, ou bárbaros, embora
Se paguem de uma apática dureza.

Labéu da espécie humana é quem não chora;
Por leões devorado aos selva escura
Aprenda a conhecer a dor, que ignora.

Solta-te em ais, dulcíssima ternura;
De um virtuoso pai, tu, prole amante,
Deves banhar-lhe em pranto a sepultura:

Mas não seja a paixão tão dominante,
Que insulte a sacra mão, que já da Terra
O atraiu luminoso, e triunfante.

Se o mundo é campo de contínua guerra,
E os Céus habitação da paz serena,
Mingue o dissabor, que em vós se encerra.

A força da razão sujeite a pena;
Na vontade de um Deus consiste o Fado;
Louvem-se o mal, e o bem, que o Fado ordena.

O semblante caído, e consternado
Erguei da Terra, erguei, filhos saudosos
De um respeitável pai, amante, e amado.

Recordai seus ditames proveitosos.
A mão, que vos guiou para a virtude
Sem temer-lhe os caminhos espinhosos.

Em vez de pompa vã, que atraí, que ilude
Inchados corações, e enfeita a morte,
Na cega opinião da povo rude:

Uns ardor firme, um ávido transporte

De alcançar e que os sábios chamam glória,
E que é no mar da vida o fixo norte:

Honrem as cinzas, honrem a memória
Desse, que do mundano, atroz conflito
No Céu desfruta singular vitória.

Isto exige de vós, e na alma escrito
Sempre deveis trazer o insigne exemplo,
Que honrosa obrigação vos tem presente.

Com os olhos em vós de etéreo templo
A causa da aflição, que vos devora,
Como que absorto em êxtase contemplo:

Como que ao ente excelso, ao Deus que adora,
Ao Senhor, mais que os séculos antigo,
Amplios favores para vós implora.

Ó tu, meu benfeitor, meu caro amigo,
Que contra o desprazer no afável seio
Da alta filosofia achaste abrigo:

De um grato coração de mágoa cheio
Acolhe o teme, o cândido tributo,
Que a Musa, glória minha, e meu recreio,

Te ofrece, envolta no funéreo luto.

VI

À morte do Sr. José dos Santos Bersane

O sábio não vai todo à sepultura;
Não marre inteiro e justo, o virtuoso;
Na memória dos homens brilha, e dura:

Enquanto e néscio, o inútil, e ocioso
Vão, ignoradas vítimas da morte,
Sumir-se no sepulcro tenebroso.

Jónio feliz, bem pai, fiei consorte,
Neste dia, em que e véu mortal despiste,
Dias eternos te confere a Sorte.

Se longe do universo errado, e triste,
Triunfa teu espírita fulgente,
Imortal entre nós teu nome existe.

Da etérea habitação de Omnipotente
Reflecte e resplendor da glória tua
Na tua prole honrada, e descontente.

Em lágrimas no peito lhe flutua
O coração de angústias macerado,
Pasto que o ledó Empíreo te possua.

Eis o carácter que aos mortais foi dado;
Como que o bem de amolgo nos magoa,
Quando e gaste de o ver nos é vedado.

Na dextra a palma tens, na fronte a c'roa;
Tens (assegura a fé) porque a virtude
De jus nos cimos Céus se galardoa.

Mas, por mais que se esmere, e lide, e estude,
Quem à der acomoda o sofrimento?
Quem há que à Natureza e génio mude?

Corra e pranto de amor, soe o lamento,
'Té que a paixão nos ais evaporada
Deixe livre folgar e entendimento.

Então tua família consternada
Vendo na ideia teus serenes dias,
Alma vinda de Céu, e ao Céu tornada:

Vendo as dignas acções, virtudes pias.

Como que assombros e exemplos semeaste
Na carreira vital, quando a seguias:

Vende que os sábios, que a ciência honraste,
Que o mundano esplendor tiveste em pouca,
Que os perversos carpiste, os bons amaste;

Enfreados seus ais no peito rouco,
De inefável prazer sentindo e encanto,
Dirá: – «Quem te lamenta é cego, é louco.

Perdoa à nossa dor, e ao nosso pranto;
Sofre as mostras fiéis do amor mais terno
E orando pelos teus, que amavas tanto,

Graças lhe adquire do Monarca eterno.»

VII

Na morte do Il.^{mo} Sr. Anselmo José da Cruz Sobral

Parva petunt manes

Ovídio, *Trist.*, livro II

Númen do pranto, númen da tristeza,
Li, que tinges de escuro a fantasia,
Que opões a eternidade à Natureza:

Por meus versos esparge a cor sombria,
A *cor* dos corações, dos pensamentos,
No pronto acerbo, que nos some o dia.

Ais solitários, míseros lamentos
As trevas firam do silêncio antigo,
Que reina entre o pavor dos monumentos:

De honrosas, caras cinzas ao jazigo
Coa lus, que a todos patenteia o nada,
Mo guia, ó Desengano; eu vou contigo.

Dum a outro universo (ah!) eis a estrada,
Por milhões e milhões dos frágeis entes
Desde a infância dos séculos trilhada.

Eis o terreno de fatais sementes,
Donde sobe amargoso e negro fruto,
Eis a meta infalível dos viventes.

Triste mármore ali, polido, ou bruto
Recata estrago, horror; na feia estância
A grandeza é miséria, o fasto é luto.

Difrenças da humildade, e da arrogância
O teu nível, ó Morte, ali suprime;
Cessa entre os graus quimérica distância.

Da virtude somente o dom sublime
Do herói, do justo ali doura a memória,
Como opaca memória enluta o crime.

Abismos da existência transitória,
No imenso, no voraz, no horrível seio
Coa vida não sorveis a humana glória.

Esteio em corações, na fama esteio
Logra, domando o tempo, a inveja. o fado,

Grão ser, que volve aos astros donde veio.

Despojo de Sobral, despojo amado
Enquanto a gratidão luzir na Terra
Serás de ingénuas lágrimas honrado.

Debalde avaro túmulo te encerra,
Debalde a lei mais dura em ti cumprida
De teus saudosos lares te desterra.

No extremo adeus, na eterna despedida
Ganhaste ao Tempo seu feroz direito,
Perdeste o mundo, e renovaste a vida.

Da essência, da matéria o nó desfeito
Deixou teu nome intacto, exímio, puro,
Brilhar nas sombras do funéreo leito.

A mesta viuvez, de manto escuro,
A sozinha, misérrima orfandade,
Medrosas do presente, e do futuro.

A ti, ao benfeitor da humanidade,
Nos castos domicílios consagraram
Prantos ferventes, cordial saudade.

Teus feitos imortais, que a pátria ornaram,
Que em perenal delícia um Deus premeia,
De terna gratidão na voz soaram.

Do globo inficionado, oh mente alheia,
Ó alma tão diversa, e tão lustrosa
Dos entes na longuíssima cadeia!

Tão beta como o Olimpo, que te goza;
Tão pura quanto o sofre a Natureza,
Mil vezes fraca, insana, ou criminosa!

Dos homens cometendo a suma empresa,
Útil viveste ao mundo, e só fundaste
Em teu grande carácter a grandeza:

Exerceste a virtude, os Céus honraste,
E, sôfrega andando os átrios de ouro,
Nas asas da esp'rança aos Céus voaste.

Negra filha da Noite, ave de agouro,
Apontar-te não foi coa voz funesta
O rasto vil de póstumo desdouro.

Moral gangrena, que a opulência empesta,
Jamais te corrompeu, jamais: qual foras
Nas eras de ouro, reluzias nesta.

Virtudes eficazes, benfeitoras,
Encheram sempre teus vitais espaços,
Ilesas das idades tragadoras;

Quando ferrenhos, tímidos, escassos,
Apenas homens são, e impõem de numes
Baixos Lúculos, desprezíveis Crassos;

Que da curva indigência entre os queixumes
Se enlevam com apática surdeza
Da ventura infiel nos fátuos lumes.

Espírito feliz, que da baixeza
Do térreo globo te elevaste ao clima
Donde crês ténue ponto a redondeza:

Se atentas nos humanos lá em cima,
Chorosos corações) que a dor anseia,
Com teu reflexo fortalece, anima:

Daquela, com que Amor inda te enleia,
Daquela a que a ternura inda te prende,
À glória tua o pensamento alteia.

Na lúgubre consorte a ideia acende
No olímpico prazer, na prole amada
A rígida constância ao termo estende.

Entorna da estelífera morada
Néctar piedoso, que a aflição lhe adoce;
E numa e noutra face amargurada

Só júbilo celeste o pranto engrosse.

IV

Na sentida morte do II.^{mo} e Ex.^{mo} se. D. Pedro José de Noronha, marquês de Angeja, etc., etc.

*Multis ille bonis flebilis occidit
Nulli flebitior quam tibi...*

Horácio, Livro I, Ode XXIV

Pranteia, ó lira triste, amadas cinzas;
O digno de chorar-se as Musas chorem.

Em seu templo fatal, sombrio, horrendo
Mais um negro troféu suspende a Morte;
Em lágrimas, em ais, em lutos novos
A fereza brutal recreia o monstro:
Roubou mais um tesouro à Natureza,
No seio universal deu mais um golpe.
Ó fado! Ó céus! Ó dor!... Noronha é morto,
Noronha, o moço ilustre, a flor da pátria.
Pranteia, ó lira triste, amadas cinzas;
O digno do chorar-se as Musas chorem.

Dias de áurea existência! Ó puros dias!
Infância, elísios da alma inda recente,
Quadra celeste de inocência, e riso,
Quais os filhos da luz, Noronha ornastes!
De carinhosa mãe no grémio doce
Em sereno repouso afigurava
Fugido à flórea Chipre um dos Amores,
Que, já com asa inerte, ali pousando,
No caro, idóneo encosto adormecera;
Mas por entre as gentis, infantes graças
Um gesto, um não sei quê, viril, sublime
Era de alto futuro imagem bela.
No tenro aspecto não mentiu a imagem,
Fiel o anúncio foi; mas ah!... Mentiram
De longos dias esperanças faustas,
E duração de flor tolheu mil frutos.
Pranteia, ó lira triste, amadas cinzas;
O digno de chorar-se as Musas chorem.

Já na sação vital, que os erros brota,
Que às vezes nu vontade arraiga os vícios,
Sementes de que sorgo a dor, e o crime
No tempo em que a razão sucumbe, ou trame,
Ao vaivém dos paixões, ao choque, à luta,
O mancebo exemplar susteve-as firme,
Vedando ao coração que vícios fossem.

Ó tu, Beneficência, ó tu, Piedade,
Sentimentos de um Deus, moral de um nome!
Almos, etéreos dons! Outrora amigos
De florescer na terra, e de enfeitá-la,
A corrompida estância agora esquivos!
Noronha vos gozou, Noronha, o vosso,
Na alma suave, como as flores beta,
Meigo afagava da indigência o rogo:
Não era estéril dó, nem vão suspiro,
O auxílio ineficaz, que dava aos tristes:
Das mãos saía o ouro, o da alma o pranto.

Carrancudo favor, que do agro génio
A custo veio, que à sua origem sabe,
E a míseros mortais, prestando, amarga:
Espinhoso favor, pesado, acerbo,
Mais insulto que alívio ao mal, que geme;
Esse método atroz, carácter feio,
Dos nadas pelo orgulho entumecidos,
Ou do avaro infernal (se a Natureza
Acaso alguma vez lhe diz que é homem)
Esse, até na virtude aferro ao vicio.
Ah! Nunca desluziu semblante ameno,
Ente querido, que merece as mágoas,
As mágoas, que a saudade extrai da lira,
E que ao sepulcro seu chorosas voam.
Pranteia, ó lira triste, amadas cinzas;
O digno de chorar-se as Musas chorem.

Guerreiro, que respira, anda estragos,
A quem no duro ouvido alegres soam
Os baques de amplos muros, de árduas torres,
A quem da humanidade é glória o pranto,
E são mnésica os ais, e o sangue é néctar:
Execrando mortal, cruento, infrene,
Que na voz o trovão, na dextra o raio,
Brama, sumido em pó, sumido em fumo,
E, torrente o suor, e os olhos brasas,
E brasa o coração, que as férias sopram,
Por entre esquadras cem vai solto em mortes:
Este, da Natureza horror e infâmia,
É peste das nações, é tigre, é monstro.

Carpido objecto meu, carpido objecto
(Rumo da planta, de que reis são tronco,
E ramo de que lágrimas são fruto)
A fama dos heróis estreme, augusta,
A herdada intrepidez, o avito exemplo,
Os anais, o esplendor, e o bem da pátria

Cingiram-te de Marte às leis ferrenhas,
As leis, a que repugna um doce instinto,
Uma alma como a tua, um ser de nome.
Ah! Se vivesses, que prodígios foram,
Que altos prodígios teus, matéria aos vetes!
Se invasora ambição, se iníqua força
Tentassem profanar sagrados montes
(Onde no lenho excelso um Deus foi visto,
E um grande rei, por Ele aos Lusos dado)
Em teu génio sem par, teu márcio brio,
Impenetrável muro a pátria houvera!
Aqueles. de que foste o pai, e o chefe,
Que a perda tua eterna em vão deploram;
Aqueles que adestraste à glória, às armas,
De ti volviam tanto, ou mais na ideia:
Nutria o pensamento este áureo sonho,
E o sonho se esvaiu, se foi contigo.
Pranteia ó lira triste, amadas cinzas,
O digno de chorar se as Musas chorem.

Ai deusas dos heróis, dos sábios deusas!
Artes, que o possuístes, que o perdestes!
Sois vós, que ao mausoléu gemeis em torno?
Vós sois; eu lá vos ouço, eu lá vos velo.
Cortado por misérrimos suspiros
Palpita o grato nome em vossos lábios,
E ferve o coração com ele em choro.
Aflitas lacerais os véus, as tranças,
E ecos mil despertando em grito e grito,
Responde Lísia toda ao som funesto:
Tanto a pátria perdeu! Tal é seu dano!
Pranteia, ó lira triste, amadas cinzas;
O digno de chorar-se as Musas chorem.

De imagens festivas desençada,
Amando a cor da morte, a cor do abismo,
Se aos túmulos arranco a fantasia,
Não é para dourar-lhe as atrás sombras;
E para sepultá-la em mais pavores,
E dar-lhe a nova dor matéria nova.
Eis da grandeza, da virtude os lares,
Os lares paternais, a estância cara,
Onde o cortado em flor caiu sem vida.
Que espectáculo, oh céus!... Oh céus! Que objecto!...
Em ânsias, em soluços, em clamores
A dolorosa mãe desfaz o alento;
No pólo transparente os olhos pondo,
Da ternura o penhor, delícia, encanto,
O filho em vão reclama aos astros surdos!
Ah! Como é penetrante a dor materna!

Um «ai» diz mais ali, que mil em outrem.
Pranteia, ó lira triste, amadas cinzas:
O digno de chorar-se as Musas chorem.

Que espectáculo, oh céus!... Oh céus! Que objecto!...
A mãe desanimada, o pai sem alma,
Som alma o triste irmão! Sem alma o grande,
O magnânimo o forte, o caro a todos,
A quem num áureo nó, quase paterno
Suma inefável mão prendeu contigo.
Ó cândido mancebo, em vão chorado,
De tantos corações saudade eterna!
Aquele, que das leis e que da pátria
Nos ombros, novo Atlante, o peso esteia,
Tão firme em tudo o mais, coa dor não pode!
Dopoís de haver tragado o fel do transe,
Que há pouco lhe arrancou porções da vida,
Constância de rochedo (ah!) fora um crime.
Suspirem corações amargurados;
Não é, não é de ferro a Natureza:
Que muito que a ternura em ais se exaura
Quando as garras cruéis de negros males
Se enterram na mais do sentimento?
Até feros leões, perdendo a prole,
No líbico sertão de mágoa rugem.
Pranteia, ó lira triste, amadas cinzas;
O digno de choram-se as Musas chorem.

Porém qual de improvise acode à mente,
Acode ao coração favor piedoso!
Celeste refrigério abrange, aclara
Espíritos, que a dom sumia em trovas
Que assombre!... Que portento!... És tu, deidade,
És tu, Religião?... Tu és, tu falas,
Arcanos divinais tu me franqueias;
Da humanidade oh mãe, dos Céus oh filha!

Já novo cortesão de um rei mais alto,
Mais alto, muito mais que os reis de inundo,
Noronha de imortal no grau brilhante,
De sol em sol vagueia, e de astro em astro;
E todo resplendor, delícia é todo,
Porção de etérea luz: – de lá com riso
(Qual no florente Abril não tem a Aurora)
Aos seus, que inda no Céu lhe são mais cures,
De amos perene, imenso, os dons envia,
Em golpes da saudade esparge o néctar,
E sare os corações de angústia enfermos.
Terno pai! Terna mãe! Não mais suspiros,
Exultai, revivei, família excelsa.

Quem no inundo carpis, no Empíreo folga;
Tornem-se em gosto a mágoa, o pranto em hinos.
Não chores, lime triste, amadas ciosos;
O digno de cantar-se as Musas cantem.

Obra digitalizada e revista por José Barbosa Machado. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
